

JOÃO DE RÉGIS – A RESSIGNIFICAÇÃO DO RESGASTE DA MEMÓRIA DE CANUDOS

João Ferreira Damião

RESUMO: Este artigo tem como objetivo fazer uma homenagem a João Reginaldo de Matos - seu João de Régis, um dos grandes intelectuais na preservação da memória daqueles que, no passado, lutaram por uma sociedade mais fraterna, livre da opressão, onde milhares de sertanejos defenderam a cidade de Belo Monte – fundada por Antônio Conselheiro. João Régis é um verdadeiro mestre na desconstrução de narrativas de cunho ideológico, algo muito comum no Brasil, onde sempre se prevalece um discurso aos olhos da elite. E que não foi diferente em relação à Guerra de Canudos, perdurando –se por quase meio século uma camuflagem imposta pela classe dominante, cuja intenção era cair no esquecimento o heroísmo dos belomontenses através de um controle da memória. No entanto, a resignificação traz a luz através de nossos antepassados, como seu João de Régis, cuja honestidade e o cuidado em proferir as palavras era uma das suas marcas predominantes, sempre preocupado em manter viva a memória da verdadeira história de nossos descendentes.

PALAVRAS-CHAVES: João de Régis; Guerra de Canudos; Memória; Resignificação.

ABSTRACT: This article aims to pay tribute to João Reginaldo de Matos - Seu João de Régis, one of the great intellectuals in preserving the memory of those who, in the past, fought for a more fraternal society, free of the oppression, where thousands of people Sertanejos defended the city of Belo Monte – founded by Antônio Conselheiro. João Régis is a true master in the deconstruction of narratives of an ideological nature, something very common in Brazil, where a discourse always prevails in the eyes of the elite. And that wasn't different in relation to the Canudos War, lasting for almost half a century a camouflage imposed by the ruling class, whose intention was to forget the heroism of the of the people of Belo Monte through a control of memory. Nonetheless, the resignification brings the light through our ancestors, like João de Régis, whose honesty and care in uttering words was one of his predominant marks, always concerned with keeping alive the memory of the true history of our descendants.

KEYWORDS: João de Régis; War of Straws; Memory; Resignification.

Agradeço a Deus pela sabedoria. Ao mestre e professor Manoel Neto, fonte de inspiração para todos que dedicam a causa de Canudos e de Antônio Conselheiro, e me estimulou bastante na produção desse artigo. Ao canudense João Batista, um intelectual dedicado a causa Canudos e à memória. A professora Janice Dalva, que com sua paciência, fez as devidas correções e sugestões neste trabalho. E a todos os mestres da tradução oral.

João Reginaldo de Matos, conhecido como seu João de Régis, nasceu no dia 12 de junho de 1907, cujos pais eram José Reginaldo de Matos e Joana Batista de Jesus, era morador nas Umburanas. E como a maioria do sertanejo, sua profissão era trabalhar na roça, onde plantava milho, feijão, a chamada agricultura de subsistência, já que essa produção só ocorre durante os períodos de chuvas no sertão. Sendo também um criador de caprinos, porcos e galinhas, que complementava o sustento de sua família. Vale salientar também que praticamente todo sertanejo tinha um ou uma tropinha de jegue, um verdadeiro auxiliar nos afazeres da família sertaneja, e com seu João de Régis, não seria diferente, ele faz questão em um dos seus depoimentos relatar o fato “tinha uma tropinha de jegue, apanhava, plantava alho, cebola, ia vender em Ribeiro do Pombal, que lá dava muito dinheiro e ainda carregava de milho, feijão, farinha vinha vender aqui, era isso”. (UNEB/CEEC, 2002 p.139)

A história de seus familiares merece destaque, pois seus pais foram separados pela guerra, e, portanto, escaparam da barbárie do crime da degola. Na sua fase final, as tropas do exército fizeram um cerco lentamente a Canudos, onde só ficou aberta a estrada que dava acesso a Uauá, e como a fome e a sede se tornaram insuportáveis, muitos dos seguidores de Antônio Conselheiro resolveram fugir por esta estrada. Diante da situação precária em que se encontrava a cidadela, praticamente destruída, seu pai juntamente com seu avô resolveu sair em busca de alimentos, como retrata seu João de Régis nesse depoimento a Jornalista Sandra:

O Conselheiro morreu no dia 22 de setembro. Aqueles que sabiam que ele tinha morrido, saíram. Tinha só a estrada do Uauá aberta. Agora, os que não sabiam, como meus pais e os meus avós, ficaram. Um dia meu pai e meu avô se viram pra morrer de fome. Aí deixaram o arraial para procurar o que comer. Saíram à noite. Quando voltaram, os soldados estavam dormindo na entrada da estrada de Uauá – tinham fechado Canudos. Escaparam da degola. Se eles não saem para procurar o que comer, tinham sido degolados como os que ficaram dentro. (FERNANDES, 2002 p. 486)

Logo após a destruição total de Canudos no dia 05 de outubro de 1897, milhares de sertanejos foram jogados a própria sorte, onde crianças foram estupradas, colocadas em prostíbulos, vendidas para serem escravas, enfim, foi uma verdadeira barbárie do

Exército brasileiro, que veio com a intenção de matar, e ainda não se satisfazendo a sua insanidade mortífera, resolveu se praticar contra os prisioneiros o crime da Gravata Vermelha, denominado de degola, e que a intelectualidade brasileira se cala, inclusive “Euclides da Cunha também se calou no tempo da guerra.” (OTTEN, 1990 – p. 43)

Nesse contexto, podemos destacar a coragem de Lélis Piedade – Secretário do Comitê Patriótico da Bahia, que se dedicou no período da guerra de Canudos a resgatar crianças e tirar mulheres dos prostíbulos, fazendo sérias denúncias do comércio de órfãos “Pode se afirmar que muitas pessoas procuravam adquiri-las para negócio, tendo se dado até o caso do tráfico vergonhoso da orfandade desvalida” (Lélis Piedade – 2002 p. 212).

Dirigiu com muita coragem o Comitê, entregando muitas crianças, mulheres aos seus familiares com um salvo conduto assinado por ele, como se fosse uma “carta de alforria”, para que ninguém viesse a persegui-los, e a família de seu João de Régis foi outorgada por Lélis Piedade com este documento no dia 12 de janeiro de 1898.

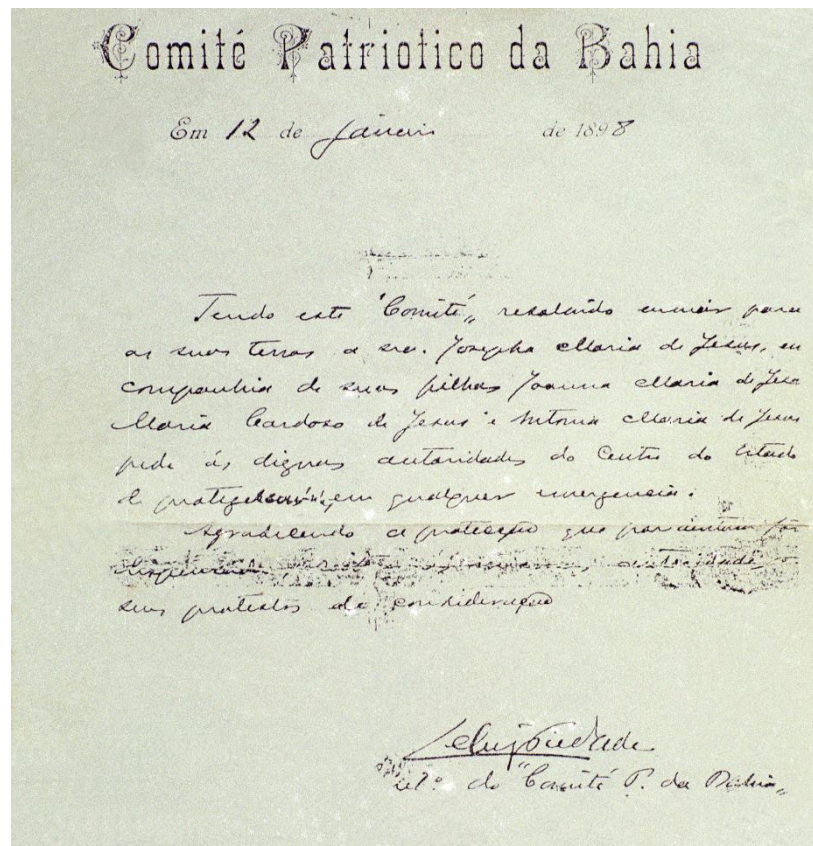


FIGURA 1 - Acervo familiar – Júlia Maria dos Santos – Dona Duru.

E corrobora com o relato de seu João, quando diz

“-Sr. Lelis Piedade, deu um salvo conduto, pois, minha família, ficou seis meses em Alagoinhas, depois ele melhorou, ela voltou, ela sabendo que os maridos, porque os que estavam dentro tinham morrido todos, elas chegaram aqui e se encontraram, eles retornaram com seis meses depois da Guerra. E vieram morar na Umburanas, quando eles chegaram, já não tinha mais ossos”. (UNEB/CEEC, 2002 p.139)

João Reginaldo de Matos, seu João de Régis, nos ensinou com a sua humildade, simplicidade e um talento pedagógico exemplar da maneira de atender a todos que o procuravam na sua casinha, que poderia chamar de estação umburanas, que não podia ficar no silêncio sobre Canudos, Antônio Conselheiro e sua gente, apesar de todo o medo imposto pelos coronéis da região. Falar de Canudos dava medo, como ele relata nesse depoimento, demonstrando a perseguição que os poderosos impunham, “Porque tinham medo do Coronel José Américo. Ele perseguia muito o povo que gostava do Conselheiro. Era ele e Cícero Dantas, o Barão de Jeremoabo. Muita gente se escondia com medo porque eles perseguiram” [...] (FERNANDES – 2002 p. 488).

É importante salientar que o passado não pode ser modificado, mas através de uma ressignificação ele é redefinido, ou seja, dá um novo significado através da memória, cuja imagem ficou registrada nos descendentes da Guerra de Canudos com a intenção de resgatar a história autêntica dos vencidos. E parafraseando seu João de Régis, que a Guerra de Canudos foi um acontecimento mal resolvido “por falta de uma conversa”, agora, ele é um dos grandes responsáveis em dar a voz aos excluídos e marginalizados no que se refere a sua memória, que muitas vezes, é excluída pela historiografia oficial e tradicional. Essas vozes são indispensáveis para que gerações futuras não venham cair no esquecimento através de uma manipulação da memória.

Vale salientar que a história oficial e a própria literatura produziram uma verdadeira imagem bastante pejorativa e muitas vezes preconceituosa sobre a comunidade de Belo Monte. Isso fica evidente o quanto a narrativa euclidiana, na famosa obra Os Sertões, contribuiu para a construção da figura de Antônio Conselheiro como “um falso apóstolo”, “gnóstico bronco”, “misticismo feroz e extravagante” “documento raro de atavismo”, “anacoreta sombrio”, “face escaveirada”, “louco”, “era um grande

homem pelo avesso”. (CUNHA, 1995). Também ela caracteriza os sertanejos de “rudes patrícios”, “retrógrado”. “Patrícios retardatários”. “É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo”. “Tabaréu canhestro”. (CUNHA, 1995)

É nesse contexto que a guerra de Canudos durante mais de meio século foi contada sob uma visão totalmente conservadora, onde a voz ora retratada nos clássicos literários, históricos e jornalísticos era a dos vencedores, até mesmo por que os vencidos eram considerados jagunços, loucos, fanáticos, enfim, havia um sem fim de elementos negativos para descrever o movimento Canudos.

E para a desconstrução dos discursos da historiografia tradicional e conservadora com relação a guerra de Canudos vão surgir personagens importantes, como seu João de Régis, um verdadeiro intelectual na construção de um discurso cuja ressignificação é dar uma nova identidade ao povo que compunha a comunidade de Belo Monte e, a partir, desses depoimentos, podemos reinterpretar o papel daquela cidadela fundada por Antônio Conselheiro, onde os negros, as mulheres, as crianças, os índios tiveram o seu direito de voz garantido.

O discurso de seu João de Régis retrata que rememorar o passado não pode ser interpretado como um ato saudosista ou ufanista, mais simplesmente uma forma de desconstruir discursos, muitas vezes com um viés ideológicos. Os seus depoimentos vão apagando da história oficial, dando um “sabor diferente”, ou seja, reconstruindo assim, a verdadeira identidade daquela gente que simplesmente só queria viver de forma pacífica, livre das humilhações impostas pelos poderosos coronéis que dominavam o sertão, e muitas vezes, os pequenos proprietários de suas terras eram expulsos, sendo até mortos a mando dos latifundiários quando os seus interesses estavam sendo atrapalhados.

A narrativa de seu João de Régis é um resgate à memória dos “vencidos”, um verdadeiro antídoto para que o silenciamento construído pela intelectualidade oficial não venha a contaminar a sociedade oprimida através de uma censura, cuja intenção é de estancar o movimento social e histórico no que se refere aos seus processos de identificação e pertencimento, e, Eni Pulcinelli, define que:

A censura é um processo que não trabalha apenas a divisão entre dizer e não-dizer, mas aquela que impede o sujeito de trabalhar o movimento e sua identidade e colaborar a sua história de sentidos; a censura é então

entendida como o processo pelo qual se procura não deixar o sentido ser elaborado historicamente para ele não adquirir força identitária, realidade social. (Pulcinelli, 2007 – p. 169)

Daí, podemos perceber que o intelectual João Reginaldo de Matos de forma engajada, contribui de maneira consistente no que se refere a tentativa de querer apagar a verdadeira memória de uma população que foi dizimada pela guerra. A sua fala é um “combustível” contra o assalto que a história oficial quer dá em relação à memória dos belomontenses. Ele promove uma verdadeira retratação da identidade de uma sociedade que de forma coletiva, solidária e democrática predominou em Canudos, desconstruindo através de uma ressignificação a ideia de um povo ignorante, violento e movido por um fanatismo exacerbado, pois, Belo Monte não foi uma construção solitária de Antônio Conselheiro, mas, de muitas pessoas, onde se predominou a construção coletiva, isto é, o sonho era coletivo, e com isso, a prática da justiça social era um dos pilares daquela comunidade, sendo livre dos arroubos autoritários.

E ainda percebemos o seu discurso em relação ao líder Antônio Conselheiro, a construção da imagem de uma liderança que não aceitava algo de errado entre seus seguidores, e não era aquela figura matricida, mentecapta, ou até de um psicopata como as correntes da época tentaram descrevê-lo. Quando foi perguntado quem era mais importante, Lampião ou Antônio Conselheiro, seu João de Régis foi enfático:

Conselheiro. Porque era assim: se eles tivessem carregando pedras e se encontrassem no meio do caminho uma madeira para fazer uma casa e um quisesse levar, o Conselheiro dizia: “Não apanhe esses paus. Quem cortou e deixou aí é porque tem precisão”. Se por acaso um apanhasse, ele dizia que não queria. Ele não queria que o freguês roubasse. Se um fizesse qualquer coisa errada, ele pegava e mandava levar pro Monte Santo, disciplina era lá. [...] (Fernandes, 2002 – p.490)

Em outro depoimento dado ao Mestre Manoel Neto, quando perguntado o motivo desse “ povo vinha para aqui para quê”? Ou seja, acompanhar o Conselheiro e vir morar em Belo Monte, seu João de Régis denuncia a perversidade dos fazendeiros em relação ao povo humilde e oprimido, onde eram explorados e escravizados pelos coronéis. Por isso que os sertanejos resolveram seguir o beato de Quixeramobim na esperança de uma sociedade livre das injustiças:

Este povo vinha para aqui, porque você sabe, os fazendeiros naquele tempo eram muito perversos, eles nem pagavam bem e nem tratavam bem dos trabalhadores, só queriam que os trabalhadores ficassem na roça. Aqueles fazendeiros, aqueles capitães, mas o povo vinha para aqui, sempre eles tinham aquele apoio, o Conselheiro mandava aqueles pobres que chegavam, ele ajudava a fazer as casas. Meu pai mesmo era carpinteiro, a vida dele no Canudos era trabalhar, fazer casa, aquelas casinhas. (NETO, 2020 p. 107).

Esses depoimentos demonstram o quanto Antônio Conselheiro defendia uma sociedade baseada nos princípios éticos e pacíficos, havia uma obediência bem definida a seus seguidores, e por isso que o povo humilde liderado por ele começa a acreditar numa quebra de paradigmas contra os coronéis e o latifúndio, colocando um fim na era do medo e da opressão, pois seus exemplos e ensinamentos estavam causando efeitos devastadores sobre as bases das estruturas de poder e propriedades vigentes, em toda a região de influência conselheiristas, gerando assim um esvaziamento do latifúndio e do mandonismo local. Isso demonstra que a tática usada pela classe dominante para desmoralizar Conselheiro é desmascarada a partir de depoimentos como o de seu João de Régis, onde se percebe a reconstrução de uma figura carismática, um homem simples, um verdadeiro “advogado dos pobres”.

A ressignificação da oralidade presente na fala dos sertanejos, e em especial, a de seu João de Régis, foi de suma importância para a preservação sociocultural da comunidade sertaneja e belomontense, traduzindo uma “verdade verdadeira”, como bem sugere Paul Thompson quando diz que: “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também verdadeira” (In: Jairo Carvalho, 2008 p. 112).

Através de seus depoimentos, há uma reconstrução da História de Canudos e do mundo sertanejo, desmistificando toda uma construção com um olhar da classe dominante, retratando que lá não era um lugar de fanáticos, bandidos, preguiçosos e muitos menos de vagabundos que a classe elitizada, com seu ranço, tentou impor. Muito pelo contrário, era uma comunidade exemplarmente ordeira de acordo aos princípios democráticos, não se tinha o aparelho opressor do estado, os famosos “soldados amarelos”, personagem típico do Romance Vidas Secas de Graciliano Ramos, que simbolicamente tão bem representa o estado autoritário.

Isso só demonstra o quanto Belo Monte foi uma cidade onde todos eram felizes, era uma comunidade que estava além de seu tempo, assim como o seu líder – Antônio Conselheiro –, pois, em Canudos predominou a experiência de uma comunidade autossustentável, e, portanto, eles tomaram nas suas mãos o seu destino na defesa da liberdade de pensar, da sua própria vida e de sobrevivência. E graças, a memória dos nossos antepassados, como o mestre João Reginaldo de Matos, que nos brindou com vários depoimentos cuja intenção era manter viva uma história de luta, bem como ajudar na reconstrução, afirmação e desconstrução de representações de identidades culturais, sociais, linguísticas, e por que não dizer de resistência às diversas formas opressoras, cujo intuito é impor o apagamento da memória nessa relação de homem e o seu meio sociocultural, até mesmo porque a história não é um repertório de informações abstratas. Vale salientar que a memória tem um papel imensurável para que possamos dar continuidade a um discurso verdadeiro sobre os nossos antepassados, que lutaram contra o latifúndio, a opressão, a miséria e a escravidão.

Nos idos de 1996 tive a oportunidade de uma conversa informal com seu João Régis, ele era muito preocupado com a destruição da nossa caatinga, e relatava até de uma forma saudosista a existência de diversas árvores consideradas madeiras de lei da nossa caatinga como angicos, aroeiras, caraibeiras, etc., que muitas delas foram destruídas pelas grandes enchentes dos riachos, como o Umburanas, ou até mesmo pela ação do homem, que muitas vezes eram produzidas tábuas, portas, postes, etc., sendo assim, o sustento de algumas famílias. Diante de tanta destruição da vegetação nativa, o surgimento de longas estiagens estava se tornando algo muito grave e preocupante para os sertanejos, e nas palavras de seu João de Régis, numa entrevista concedida ao Jornalista Antenor Júnior percebe essa preocupação,

“São oito anos de seca. Pra não dizer que eu estou mentindo, nesse período deu umas duas chuvinhas de molhação e não resolveu nada”. “Esta seca superou a de 1932 e passa a ser a seca do século. O açude de Cocorobó é a nossa salvação. Se ele secar, tudo vai se acabar. O único verde aqui é do capim que estamos plantando na margem do açude para alimentar a criação”. (Jornal A Tarde, 1996)

Nesse período, João Reginaldo de Matos estava com seus 89 anos de idade, e

como sempre, tinha uma memória muita precisa, demonstrando uma ampla diversificação de conhecimento em vários temas. Percebe-se a preocupação dele com a situação em que se encontrava o açude de Cocorobó nesse período, deixando claro o quanto esse intelectual tinha uma visão futurista dentro de todo um contexto social e econômico não só para a comunidade canudense, mas também para toda a região circunvizinha. Ainda faz uma comparação com a seca 1932, esta, que ficou marcada pelo surgimento da experiência dos campos de concentração no estado do Ceará, cujo pretexto da classe política era oferecer socorro às vítimas que fugiam do interior para Fortaleza.

Ele ainda relata os milhares de mortos que estão sobre as águas do açude de Cocorobó, *“Debaixo dessa terra e sob as águas do açude só tem ossada de mortos. [...] Aqui morreu gente como imbu, ninguém aguentava o mau cheiro”*. (BENTES; TEIXERA, 1997, p. 50).

O mestre seu João de Régis faz uma denúncia gravíssima, entre tantas, do desrespeito e descaso que os coronéis do Exército Brasileiro fizeram para com os milhares de mortos no final da refrega de Canudos, deixando-os insepultos, e ao mesmo tempo, ele traz a luz da história uma personagem importante na historiografia canudense e que ficou no esquecimento, o coronel Ângelo dos Reis, dono da fazenda Formosa que fica próximo a Canudos, cuja ação de caridade e execução em enterrar os milhares de mortos da guerra de canudos merece uma referência especial, e seu João de Régis faz isso com muita sabedoria, dando uma riqueza de detalhes sobre a atuação dessa personalidade, que merece uma bela homenagem aos olhos da intelectualidade oficial brasileira,

Quem veio enterrar esse povo foi Ângelo dos Reis, um grande fazendeiro aqui de Várzea da Ema, entonce ele matou uma vaca e retalhou, comprou oitenta litros, uma carga de cachaça de oitenta litros, que naquele tempo cachaça era em barril, um barril era quarenta litros de cachaça, aí veio de lá com carga de farinha e tudo, entrou aí uma caravana de gente, aí eles faziam aquelas valetas, dizia Zé Ciriaco, Mané Ciriaco e os outros, faziam aquelas valetonas e ajuntavam as pessoas. Aquela cachaça era para eles beberem “mode” a fedentina. (Neto. CEEC/UNEB, 2020 p.118)

O Professor Calasans dizia que:

Confesso que a história contada pelos sertanejos era mais convincente, tinha outro sabor e era totalmente diversa.... Logicamente respeito muito a obra de Euclides da Cunha, mas, acredito fielmente que paralelamente precisamos de outras alternativas... minha empreitada então passou a ser esta... (In: Jairo Carvalho, 2008 p. 97)

Corroborando com o mestre Calasans, as vozes dos milhares de sertanejos tiveram um “sabor” de traduzir cada palavra ou gesto sobre a Guerra de Canudos numa reconstituição de uma história recontada com ampla riqueza de detalhes, muitas vezes denunciando as atrocidades cometidas pelo Exército brasileiro, e o Senhor João de Régis que tinha uma eloquência no trato com as palavras, faz parte deste seletto grupo de sertanejos que resolveram sair do anonimato para desfazer os diversos mal-entendidos, os boatos, as notícias distorcidas, que nessa contemporaneidade denominaríamos de verdadeiras “fake News”, procurando ainda retratar a coragem e astúcias dos sertanejos na defesa do arraial de Belo Monte.

Portanto, esses testemunhos, mostram o quão foram resistentes em suas convicções em relação ao Conselheiro e seus seguidores numa constante preservação da memória, como diz Jacques Le Goff “*A memória, onde cresce a história, que por sua a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a escravidão dos homens*”. (Le Goff, 1992, p.478).

Até mesmo porque ao longo da historiografia brasileira a classe dominante sempre buscou o poder de silenciar as vozes dos oprimidos, já que não são privilegiados com algo registrado, a não ser através da oralidade de seu povo, contribuindo assim, para a preservação da sua memória e resistindo a chamada língua de espuma, como diz Eni Pulcinelli

Na língua-de-espuma os sentidos se calam. Eles são absorvidos e não produzem repercussões. Se, de um lado, não se comprometem com nenhuma “realidade”, de outro, impedem que vários sentidos se coloquem para essa mesma “realidade”. Historicamente, a língua-de-espuma é aquela falada, por exemplo, pelos militares no período que começa em 1964 com a ditadura militar no Brasil. Mas, pelas suas características, podemos alargar essa noção abrangendo toda expressão totalitária nas sociedades ditas democráticas. A língua-de-espuma trabalha o poder de silenciar. (Pulcinelli, 2007 – p. 99)

A história contada por João Reginaldo de Matos, seu João de Régis, é de fundamental importância para a formação de uma consciência histórica, produzindo uma ressignificação através da composição rica de vários argumentos que envolveram a guerra de Canudos e outros assuntos que são de suma importância no mundo sertanejo, mantendo vivo à memória de Belo Monte e do Conselheiro. Canudos resistiu as forças bélicas das tropas federais enviadas pela República, no entanto, ela continua sendo uma referência na luta contra as desigualdades sociais, resistindo até hoje em cada movimento social, em cada protesto e em cada desejo de mudança por todos aqueles que sonham por um Brasil com justiça social, pois a grande lição de Canudos é de que o sonho de liberdade, de solidariedade, e de democracia é possível. Antônio Conselheiro ressurgiu revivificado para despertar a resistência armada de esperança, e as vozes dos descendentes e remanescentes devem ser preservadas e compartilhada com aqueles que lutam por amenizar as desigualdades sociais.

João Reginaldo de Matos - seu João de Régis - nos deixou em 18 de novembro de 2002, e por ironia do destino no ano das comemorações do centenário da publicação de um dos maiores clássicos da literatura brasileira - a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Ele nos presenteou com tantas contribuições sobre a História de Canudos com seus depoimentos, dando um ressignificado as diversas teorias conservadoras que estavam presentes no magnífico livro euclidiano. Era um homem de conhecimento plural, ou seja, além de um profundo conhecedor da história de Canudos, mas também retratava sobre o Cangaço, as grandes secas do sertão, etc., foram verdadeiros ensinamentos, assim como sua simplicidade no trato para com as pessoas que o procuravam, era algo encantador, e como diz João Guimarães Rosa no seu discurso de posse na ABL em 1967, “As pessoas não morrem, ficam encantadas...”.

REFERÊNCIAS:

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos* – 36a edição. – Rio de Janeiro: Francisco Alves: Brasília: 1995. Disponível em:
<https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>.
Acesso em 09 de julho de 2022.

FERNANDES, Rinaldo de (org.). O clarim e a oração, cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

Jornal A Tarde. Edição de 04.12.1996

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas. SP: UNICAMP, 1992.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. José Calasans e Canudos: a história reconstruída – Salvador: EDUFBA, 2008. 202 p.

ORLANDI, E. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6a edição - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

OTTEN, Alexandre. H. Só Deus é Grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. Ed. Loyola. São Paulo. 1990.

PIEIDADE, Lélis. Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897-1901). Antônio OLAVO (org.) – 2a edição Salvador: Portfolium, 2002. 2a ed.

RAMOS, Graciliano. Vidas secas: posfácio de Hermenegildo Bastos. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Revista Canudos - Educação no Campo. Vol. 10 No 1. Julh/Dez/2020.

TEIXEIRA, Evandro; BENTES, Ivana. Canudos 100 anos. 2. ed. Rio de Janeiro: Textual, 1997. 152 p.

Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclides da Cunha. Arqueologia e reconstituição do Parque Estadual de Canudos/UNEB.CEEC. – Salvador: UNEB, 2002. 106 p.